

CARNAVAL DE 1967

DANÇA DO PORTO JUDEU (MARIA VIEIRA)

Autor

Abel Costa

Há outra MARIA VIEIRA que saiu em 1988, no Porto Judeu, da autoria de José Gomes Dutra.

MARIA VIEIRA MÁRTIR DA PUREZA

Maria Vieira da Silva nasceu a 11 de Novembro de 1926 na antiga Vila de São Sebastião da Ilha Terceira.

No dia 4 de Junho de 1940, indo na companhia de uma irmãzinha de 4 anos, levar o almoço a seu pai, num lugar distante e solitário, foi atacada por um homem que queria macular a sua pureza ao que ela, apesar da sua tenra idade, 13 anos apenas, soube resistir heroicamente gritando por socorro.

Então o infeliz sedutor desenganado e receoso de ser descoberto vibrou-lhe na cabeça uma forte pancada com uma enxada que logo a **prostou**. Enquanto a irmãzinha fugia desvairada, o assassino escondeu a vítima entre o mato, dando-lhe ainda mais pancadas com o fim decidido de a matar.

Algumas horas depois foi encontrada por seu pai e conduzida ao Hospital de Santo Espírito, em Angra, onde morreu no dia seguinte sendo sepultada no Cemitério da Conceição daquela Cidade.

Tendo, antes da morte, recuperado os sentidos, descobriu o nome do assassino e o motivo da morte, concedendo-lhe o seu perdão.

Assim deu a vida para defender a sua pureza esta virgencinha da Cruzada Eucarística, deixando uma **heróica** lição de virtude.

Actualmente, muitas pessoas se recomendam ao seu valimento junto de Deus.

Que o seu exemplo frutifique nas almas juvenis por um amor mais firme à virtude da pureza.

Oração

Ó Deus que dos fracos sois a força dos cegos, sois a luz e errantes sois a verdade, concedei-nos, por intermédio de Nossa Senhora de Fátima e do Glorioso Mártir São Sebastião, a fortaleza nas tentações e a graça de trilhar sempre o recto caminho do Vosso Amor, com pureza e generosidade, a exemplo de Maria Vieira que antes quis morrer do que ofender-Vos.

Dai-nos, Senhor, o perdão dos nossos pecados e a eterna Glória dos vossos Santos.

(A seguir rezam-se três Avé-Marias pedindo a Nossa Senhora a graça de não morrer em pecado mortal e sufragando a alma de Maria Vieira.)

Imprimatur Angraë, 11 Junii 1955
EMANUEL. Epp. Coadjutor Angrensi

IN MEMORIAM

A vida não nos é arrebatada mas mudada. Dissolvidas as prisões da nossa habitação terrestre adquirimos no Céu morada eterna (*Prf. Das Missas de def.*)
Felizes os que morrem no Senhor (*Apo. XXIV-13*)

Maria Vieira da Silva nasceu a 11 de Novembro de 1926 na antiga Vila de São Sebastião da Ilha Terceira.

No dia 4 de Junho de 1940, indo em companhia de uma irmãzinha de 4 anos, levar o almoço a seu pai, num lugar distante e solitário, foi atacada por um velho que queria macular a sua pureza ao que ela apesar da sua tenra idade, 13 anos apenas, soube resistir heroicamente gritando por socorro.

Então o infeliz sedutor desenganado e receoso de ser descoberto vibrou-lhe na cabeça uma forte pancada com uma enxada que logo a prostrou. Enquanto a irmãzinha fugia desvairada o assassino escondeu a vítima entre o mato, dando-lhe ainda mais pancadas com o fim decidido de a matar.

Algumas horas depois foi encontrada por seu pai e conduzida ao Hospital de Santo Espírito, em Angra, onde morreu no dia seguinte sendo sepultada no Cemitério da Conceição daquela Cidade.

Tendo, antes da morte, recuperado os sentidos, descobriu o nome do assassino e o motivo da morte, concedendo-lhe o seu perdão.

Assim deu a vida para defender a sua pureza esta virgenzinha da Cruzada Eucarística deixando uma heroica lição de Virtude.

Que o seu exemplo frutifique nas almas juvenis por um amor mais firmeza à virtude da pureza.

Angrae, 11 Junii 1955

EMANUEL. Epp. Coadjutor Angrensi

Emanuel, Eppus Coadjutor Angrensi

MARIA VIEIRA
MÁRTIR DA PUREZA

1

Vou voltar, como fiz outrora
Fazer versos novamente
Pedindo a Nossa Senhora
Que **abençõe** a toda a gente

2

A sua Benção vou rogando
À mui-Santa Padroeira
E ao mesmo tempo falando
Da mártir -- MARIA VEIRA

3

Esta mártir pequenina
Que deixou um exemplo nobre
Foi uma humilde menina
E era filha de gente pobre

4

Era simples o seu trajar
Na sua idade de adolescente
A todos sabia mostrar
O que era um porte decente

5

Nas suas brincadeiras puras
Tão isentas de maldade
Cativava as criaturas
Com a sua simplicidade

6

Toda ela era obediência
P'ra pai e sua mãezinha
E também na inocência
Quando brincava com a irmãzinha

7

Sempre e amiga se mostrou
De Nossa Senhora Imaculada
Muito cedo se matriculou
Na tão falada CRUSADA

8

Assim o tempo ia passando
Por este "vale" de amargura
E Maria ia levando
Uma vida Casta e Pura

9

Seu pai era camponês
Homem pobre, mas honrado
O qual ia muita vez
Para o campo, onde foi criado

10

E era assim dia após dia
Lá ia ele trabalhar
Mas muita vez não havia
O almoço p'ra levar

11

Mas não lhe causava arrelia
Nem por um simples bocado
Porque a sua filha Maria
Levava-o depois ao serrado

12

Foi assim que aconteceu
E a desdita foi eleita
Certo dia amanheceu
E não havia comida feita

13

Lá partiu o pobre pai
P'ra poder ganhar a vida
Sem um lamento, sem um ai
E sem cesta da comida

14

Mais tarde, a sua mulherzinha
Com a comida que cheirava
Foi chamar a sua filhinha
Que lá no seu quintal brincava

15

E lá vem Maria Vieira
Olhando a mãe com carinho
A qual disse desta maneira
Leva o almoço ao paizinho

16

Vou levar, querida mamã
O almoço p'ro papá
Mas eu queria que minha irmã
Viesse comigo até lá

17

A irmã de quem falava
P'ra lhe fazer companhia
Pra qual tanto ela adorava
E lhe dava tanta alegria

18

Era qual botão de rosa
A sua tal irmãzinha
Talvez um pouco mimosa
Só por ser a mais mocinha

19

E assim lá foram as duas
De mãos dadas, lado a lado
Percorrendo várias ruas
Ter com o pai ao cerrado

20

E cheias de felicidade
Como se tudo fosse primavera
Sem saberem que a maldade
Estava num canto à espera

21

Na forma dum tal "Quinteiro"
Que vivia no pecado
Homem mau e desordeiro
Que trabalhava ali ao lado

22

Lá se iam aproximando
Do homem feio e brutal
O qual estava pensando
Um pensamento infernal

23

Por fim ficam frente a frente
E a besta sem embaraços
Aperta a pobre inocente
Na força bruta dos braços

24

E lá a foi arrastando
P'ra umas moitas ao lado
E a pequena se esforçando
Para fugir ao malvado

25

Para fugir do pecado
Maior era a sua agonia
Nas garras do desgraçado
Quanto mais força fazia

26

.A irmãzinha gritava
Numa aflição tão **atróz**
E Maria **extrebuchava**
Entre as mãos do seu algoz

27

Como nada podia fazer

No alto daquele morro
A menina pôs-se a correr
Em procura de socorro

28

Entretanto o malvado
Bem agarrado à pequena
Queria cometer o "pecado"
O qual Deus tanto condena

29

A menina se contorcia
Apesar de muito cansada
Tentando ver se fugia
Daquela fera malvada

30

O malvado lhe bateu
Já coberto de suor
E por fim se convenceu
Que não levava a melhor

31

A besta então tresloucada
Como não vencia a criança
Então agarrou na enxada
P'ra consumir a vingança

32

Três golpes lhe desferiu
Com uma força brutal
Em seguida então fugiu
Aquele homem infernal

33

E lá ficou desmaiada
Aquele pobre inocente
Com a cabeça retalhada
P'las pancadas do demente

34

Quando a irmã alarmou
Ao povo da Freguesia
Aquele gente abalou
À procura de Maria

35

Quando ao pé d'Ela chegaram
Logo se puseram a gritar
Porque todos repararam
Que não a podiam salvar

36

E de pronto a multidão
Agarraram na pequena
A levantam do chão
Que cena meu Deus, que cena

37

Quando a casa chegaram

Muito mais povo se juntou
E à pequena perguntaram
Diz quem foi que te assassinou

38

Como não podia responder
Por estar inanimada
Alguém se pôs a correr
E fez uma cena louvada

39

Entre gritos, dor e pranto
P'la querida Maria Vieira
Trouxe o Senhor Espírito
E deitou-lhe à cabeceira

40

Foi então que aconteceu
Muito fraca a sua voz
Que a Menina respondeu
Quem tinha sido seu algoz

41

Ainda mais acrescentava
Na sua grande aflição
Disse que tudo lhe perdoava
Do fundo do coração

42

A todos ela implorava
Que não prendessem o “Quinteiro”
E de novo desmaiava
No seu grande cativeiro

43

Trouxeram-na p'ró hospital
Com uma réstea de esp'rança
Pedindo ao Pai Celestial
P'ra que salvasse a criança

44

Mas, Deus Pai entendeu
Em dar-lhe a melhor Ventura
E chamou então p'ró Céu
Aquele Alma tão pura

45

E lá foi Maria Vieira
Gozar a Glória do Céu
Louvemos sempre a maneira
Do exemplo que Ela nos deu

Versos de José Medeiros Melo

MARIA VEIRA

Mestre

Sélebres espectadores
As senhoras e senhores
Para quem eu cantar vou
Por ser próprio do momento
Aceitem um cumprimento
Que eu a toda gente dou

CORO

Nós também cumprimos
Para que todos sejamos
Uma unida irmandade
Desde a nossa casa ao templo
Para seguirmos o exemplo
Da Santíssima Trindade

Mestre

Desta forma triunfal
Podemos o carnaval
Festejar honestamente
Dentro deste amor profundo
Parecemos bem ao mundo
E a Deus onipotente

CORO

Carnaval é carnaval
Mas o que se faz de mal
Escangalha o bem comum
Provocando a nossa fé
E a estúpidos não é
Próprio em tempo nenhum

Mestre

Os santos missionários
Nos desertos solitários
Pela lei de Deus labutam
E a boa educação
Que é a nossa missão
Para aqueles que nos escutam

CORO

A mais tenrinha criança
Pode obter confiança
Nas palavras que dizemos
A juventude souteira
Pode seguir a carreira
Do exemplo que lhe demos

Mestre

Quem segue os déz mandamentos

Encerra os pensamentos
Nas obras da caridade
Vai no mundo vagueando
Onde passa vai deixando
O fruto da humanidade

CORO

Ser humilde e ser prudente
Alegre para toda a gente
Sem o rancor da vaidade
De terra em terra passando
Em toda a parte marcando
O caminho da verdade

Mestre

Pesso a todos que vejam
Esta verdade e que sejam
Aquilo que **agente** canta
Mantenham a fé erguida
Para imitarem na vida
Uma jovem que foi santa

CORO

Pura e casta donzela
Vejam bem a vida dela
Pedimos a **toda gente**
Quem sua vida imitar
Com ela há-de gozar
Lá no **ceu** eternamente

Declamação

Mestre

Ilustre e **dignissima assistencia**
Neste prefácio, e em **sequencia**
Do assunto que vamos narrar
Eu peço ao povo desta aldeia
Para que possa dar uma ideia
Do que vamos apresentar

Vamos apresentar uma mártir bondosa
Uma jovem virtuosa
Uma santa por nós conhecida
Donzela em plena juventude
Que em defesa da honra, e da virtude
Deu a Deus, em **olocausto**, a sua vida

Senhores, o assunto na realidade
Sem a menor falta da verdade
É uma jovem da Ilha Terceira
Natural de S. Sebastião
Encinamento da salvação
Que nos deu Maria Vieira

Maria nascida a 11 de Novembro
De mil novecentos e vinte seis
Já mostrava ao mundo que era um membro
De Deus e das suas leis

Humilde e obediente aos pais
Como um **passaro** que **téme** os vendavais
Fugia ao horror dos tiranos
E com estas virtudes foi seduzida
Mas não **sedeu**, preferiu dar a vida
Na primavera dos treze anos

Não vos esqueçais que foi tentada
E **brutamente** espancada
Com a raiva de uma aspereza
Grandes sentimentos são os seus!
Com a vontade de dar a Deus
Sem mancha a sua pureza

E eis que logo em seguida
No **último** sopro da vida
Maria recupera a voz
Naquela angústia tão forte
Descobriu o motivo da morte
E que foi o seu algoz?

E agora os personagens iniciais
Maria, sua mana, e os seus pais
Com a forma do seu viver

A seguir o algoz, o Quiteiro
O passarola que foi o primeiro
Que viu, antes da **policia** o prender

Finaliso a palestra que faço
Pedindo licença ao conjunto
Para entrarmos no **compaço**
Da **musica**, e definir o assunto

Mestre

Maria vamos em frente
Contigo a nós unida
Para mostrar a **toda gente**
O que foi a tua vida

CORO

Tua vida exemplar
Serviu para nos guiar
Um dia na eternidade
A tua alma magoada
Um dia será levada
Para o mundo da verdade

Mestre

Encina-nos a viver
Para fugirmos do mal
E que o saber morrer
É a parte principal

CORO

Maria Jovem unida
Prepara-nos para a vida
E para a morte **tambem**
A tua alma bondosa

Enfeitará como rosa
O altar da Virgem Mãe

Maria Vieira (em oração)

Meu Deus! Eu creio e adoro
Espero e vos amo
Perdoai-me porque eu ignoro
O amor de quem tanto amo
Sede a minha doce companhia
Ajudai-me na alegria e nas dores
Fazei que a vossa mãe, a Virgem Maria
Rogue por nós, pecadores
E vós ó meu bom Jesus querido
Fruto do ventre da Virgem Mãe
Perdoaste ao ladrão arrependido
Perdoai os meus pecados **tambem**

Irmã

Maria o que estás a fazer
Com as mãos erguidas ao ar
Eu gostava de saber
Com quem é que estás a falar

Maria Vieira

Estou a falar com Jesus
O **martir** que passou **horriveis** dores
O Cristo que foi morrer na cruz
Para remir os pecadores

Irmã

Que bom senhor é aquele
Eu gostava de o conhecer
Mas como é que falas com ele
Sem o estares a ver

Maria Vieira

Sim minha irmã eu não o vejo
Deus, é um rei de **altoria**
Mas sinto o grande desejo
De o chegar a ver um dia

Mãe

Onde estará a **Lidia** e a Maria
Preciso coisas da mercearia
E não consigo saber delas
Dá uma volta por **ai**
Se as vires manda-as aqui
Que eu estou esperando por elas

Pai

Eu vou já **chamalas**
Se conseguir **encontralas**
Elas depressa vem cá ter
Em horas de trabalho e alto dia
Lidia é criança, mas Maria
Já **póde** alguma coisa fazer

Pai

Maria

Maria

Senhor

Pai

Que estás fazendo para **ai**
Brincando na **?????????**
Tua mãe esperando por ti
Para ires **a** mercearia

Maria Vieira

Papá, desculpe de me ter demorado
Se acaso fiz um pecado
Perdoai-me tudo isto
Eu estive fazendo oração
A sagrada morte e paixão
De Nosso Senhor Jesus Cristo

Irmã

Verdade paizinho e mãezinha
Acreditem por favor
Maria estava sozinha
A rezar a nosso Senhor

Mestre

Maria estava rezando
A Deus pai que a governa
Tão nova está preparando

Sua salvação eterna

CORO

Tua vida o teu delírio
Tua morte teu martírio
A tua ação corajosa
Tua fé teu proceder
Fazem com que hás-de ser
Uma santa milagrosa

Quinteiro

Dizem que a Deus, o Espírito Santo, e Jesus Cristo
Eu ouço dizer que tudo isto
É que forma a Santíssima Trindade
Até dizem os fanáticos da aldeia
Que cobiçar a mulher alheia
É um pecado. Será verdade?
Não importa, o ser verdade ou não ser
Eu vivo para o prazer
Por isso não há que ter ?????
O haver Cristo ou não haver Cristo
Eu fecho os olhos a isto
E vou matar um desejo
Vou deixar este fanatismo da humildade
E lançar-me ao caminho da vaidade
Para viver de outra maneira
Viver a liberdade do amor
Porque eu tenho que sentir o calor
Dos beijos da Maria Vieira

Maria Vieira passa a caminho de casa. O Quinteiro ao vela diz

Hem! Estavas baixando a cabeça
Que te compre que não te conheça
Isso há-de passarte um dia
Verás como sou teimoso
Se te caçar em lugar geitoso
Tu tens de ser minha Maria

Maria Vieira

Meu Deus que tais olhos de maldade
Senhora da piedade
Velai por mim como mãe
Fazei-me firme a oração
Livrai-me da tentação
E a minha honra também

Mãe

Maria vejo-te triste
Que te aconteceu, o que viste
Para vires pálida assim
Se alguma coisa te disseram

Ou seja mal que te fizeram
Não encubras, conta-me a mim

Pai

Mulher não sejas assim
Não **penses** em coisa ruim
Deixa a pequena **a** vontade
Por ventura é coisa que te passa
Pela ideia de haver quem atacasse
Uma pequena desta idade

Mãe

O mundo está revoltado
O demónio anda solto
É preciso acautelar
Livrar das más ocasiões
Há homens que são patifes
Já não há de quem fiar

Maria Vieira

Ninguém me disse nada mãezinha
Fique descançada e tenha calma
Porque eu não ando sozinha
Jesus está na minha alma

Mestre

Maria ficou pensando
Sem a mãe querer dizer
Porque já está futurando
O que vai acontecer

CORO REPETIDO

1ª pessoa

Antonio eu não sei se já reparaste
Concerteza que já notaste
O jeito da Maria Vieira
É um modelo de humildade
Em criança da sua idade
Nunca vi daquela maneira

2ª pessoa

Por acaso já reparei
Mas nunca me admirei
Assim é que é a verdade
Não é pequena risonha
Mas não faz que seja mais de vergonha
Que as outras da sua idade

1ª pessoa

Não me metas em derrisso
Eu não me refiro a isso
Medita e compreende bem
É honesta e bondosa
Tem um jeito de piedosa
Como eu não vejo a ninguém

2ª pessoa

Isso são cegueiras são cataratas
Tu ficas muito por beatas
Mas no principio e no fim
Para tudo se acabar
Elas a outro hão-de enganar
Mas não me enganam a mim

1ª pessoa

Como a tua descrença e tanta
Não vez que parece uma santa
Tão pura e piedosa donzela
Oxalá mais compreendas
E de tudo não te arrependas
Ainda podes precisar dela

2ª pessoa

Deixa-te dessas crendisses
E não penses em tolices
Para não fazeres sugeira
Muito mal eu hei-de ficar
Para chegar a precisar
Dessa pobre Maria Vieira

3ª pessoa

Ouviste o Antonio falar
Aquilo é que é não pensar
E ver pouco a distancia

Falar mal de uma pessoa
Que é cem por cento de boa
É coisa de muita **importancia**

4ª pessoa

Os descrentes que não acreditam
Contra os bons se precipitam
Com mal **lingua** e mal coração
Mas tarde se vem a desgraça
O descrente muda e passa
A pedir para tudo perdão

Mestre

Antonio fala sem crer
Na virtude da donzela
Mais tarde vai receber
Um grande milagre dela

CORO REPETIDO

Pai

Mulher eu vou trabalhar
Para vir mais tarde vou preparado
Maria que vá levar
O jantar lá ao **serrado**

Mãe

Maria estás a ouvir
Teu pai está a sair
Não saias para o caminho
Quando for hora marcada
Tu segues a tua jornada
Levar o jantar ao paizinho

Maria Vieira

Sim senhora mamã, eu já sei
Mas eu **hontem** me confessei
Se a mamã fizesse o favor
Eu ia **a** missa da madrugada
E como estou confessada
Tomada nosso Senhor

Mãe

Vai, **satisfáz** os desejos teus
E volta ter com a mãe
Vai **a** igreja a casa de Deus
Quem anda com Deus, anda bem

Irmã

Ó mãezinha
Mal o sol nos mostra a luz
Maria lá vai sozinha
Falar outra vez a Jesus

Mãe

Sim Maria foi ao templo
Participar na santa boda
Para assim dar o exemplo
Da nossa **familia** toda

Quinteiro

O pai de Maria foi para o **serrado**
Costuma tarde voltar
Deve ter recomendado
Para ela levar o jantar
Mas seja lá como for
Num deserto vai passar
Portanto eu **vou me** lá **por**
Que a coisa há-de calhar
Mas caso **contrario** ela não queira

Eu faço-lhe uma promessa
Eu tenho uma maneira
Que resolve tudo depressa

Maria Vieira

Mãezinha já cá estou
Estou pronta a seguir caminho
Quando **quizer** agora vou
Levar o jantar ao paizinho

Mãe

Aqui tens tudo preparado
Tu sabes onde é o **serrado**
Não pares a falar com **niguem**
Quando o pai acabar de jantar
Volta pelo mesmo lugar
E vem depressa ter com a mãe

Maria Vieira

A mãe creia que vou e venho
Fique bem descançadinha
Mas ó mãezinha eu tenho
Tanto medo de ir **sózinha**

Mãe

Ó filha eu creio que não há perigo
Não tenhas medo Maria
Mas vai a **Lidia** contigo
Sempre é uma companhia

Irmã

Não temas que eu **tambem** vou
Maria tu podes crer
Que se for preciso eu sou
Bastante para te defender

Maria Vieira

Ó meu anjo do **paraíso**
Que força estás a sentir
Eu creio se for preciso
Tu não poderás fugir

Mãe

Adeus minha filha bondosa
Até que nos tornamos a ver
Vais hoje tão receosa
O que estará para acontecer

Maria Vieira

Há-de ser o que Deus **quizer**
Vou seguir o caminho de **alem**
Mãezinha quando eu vier
Dou outro beijo na mãe

Mestre

Toma coragem Maria
Passa o caminho a rezar
Porque a hora da agonia
Está perto de chegar

CORO REPETIDO**Quinteiro**

Ela já está a aparecer
Traz consigo a pequenina
Deixa-lo mas eu vou saber
O **folego** daquela menina

Maria Vieira

Senhora de Fátima rogai por nós

Ouvi Senhora a minha **vós**
E encomendai-me ao pai eterno
O meu bom Jesus perdoai-nos
E ao mesmo tempo livrai-nos
Das chamas do fogo do inferno
Jesus, José e Maria
Valei-nos na **ultima** agonia
Coma graça celestial
Valei a nossa aflição
Não dos **deicheis** cair em tentação
E livrai-nos de todo o mal

Irmã

Maria estamos a demorar
Estás hoje tão vagarosa
O que é que te faz parar
E ficares tão receosa

Maria Vieira

É um receio um susto tamanho
Os pensamentos me consomem
É um medo que eu tenho
De passar por aquele homem
Este bosque é tanto deserto
Jesus esteja comigo
Talves eu esteja perto
Da tentação do inimigo

Quinteiro

Maria eu tenho sede de amor
Quero exijo, que me deixes por
Os lábios sobre o teu rosto
Embora que a honra te pegues
Faz-me a vontade não negues
Deixa-me ter este gosto

Maria Vieira

Nego retira-te malfeitor
Olha que nosso Senhor
Está dentro do meu peito
A minha alma é um relicário
Está Deus real como no sacrário
Não lhe faltes ao respeito

Quinteiro

Falto, insisto para te beijar
E se continuas a negar
Rebente por honde rebente
Eu avanço com outros passos
E tu vens-me cair nos braços
Nem que seja forçosamente

Maria Vieira

Deixa-me, vaite embora daqui, sai
Eu não aceito, é mais facil morrer
Eu vou dizer ao meu pai
Aquilo que me queres fazer

Vira-se para a irmã

Lidia vamos fugir
Que Jesus há-de permitir
Que eu não hei-de faltar a firmeza
Que eu seja forte e tenha resistencia
Para não perderes a tua inocencia
Nem eu a minha pureza

Quinteiro

És teimosa não queres cair
Pois não chegas a fugir

Não dizes a teu pai nem mais o vez
Depois de tudo me negares
Toma esta para ficares
Aqui **caida** de vez

Dá-lhe uma pancada

E agora vou-me safar
Que a **miuda** não me conheceu
E se **alguem** me **quizer** condenar
Eu digo sempre; não fui eu

Foge

Mestre

Maria ao **ceu** vai subir
Morrer é o seu destino
Mas antes vai descobrir
Quem foi o seu assassino

CORO REPETIDO

Passarola

Ai qui del rei

Acudam que eu encontrei
Maria Vieira ferida
Acudam depressa venham ver
Que está morta, ou **quasi** a morrer
Já tem poucos sinais de vida
Ó meu Deus, mas quem seria
Que fez isto a Maria
Que carrasco que homem rasteiro
Pois agora nesta ocasião
Quem passou nesta ocasião
Foi **a** pouco tempo o Quinteiro

5ª pessoa

Que foi isso que aconteceu
Diz lá quem é que morreu
Para gritares dessa maneira

Passarola

Cheguem-se **voces** para aqui
Para verem quem está ali

6ª pessoa

É a filha do Júlio a Maria Vieira

5ª pessoa

Qual de nós **e** que vai
Chamar depressa o pai
E a mãe, que ela está mal
Precisa ser socorrida
Ainda tem sinais de vida
É leva-la para o hospital
O pobre do pai **ai** vem
E logo **atrás** vem a mãe
Pobres corações magoados
Como eles vem aos gritos
Num choro e tanto aflitos
Tenho dó deles coitados

Pai

Meu Deus, meu Deus que o coração todo me doi
Digam-me, digam-me quem foi
Que eu quero saber

Mãe

Minha querida filha tu estavas a recear
Parece que estavas a adivinhar
Que hoje era o teu dia de morrer

Passarola

Júlio ela está muito mal
Não se estejam a demorar
Depressa para o hospital
Talvez ela possa escapar

Pai

Minha filha estás **quasi** morta
Que dor é esta meu Deus, é de matar
Maldita a hora em que eu disse **a** porta
Que me viesses trazer o jantar

Mãe

Perdoai-nos filhinha que bem dizias
Num gesto de alma mansinha
Que tinhas medo e que temias
Passar este bosque sozinha

Irmã

Maria minha amiguinha
Tu é que eras a minha guia
Deixaste-me no mundo sozinha
Sem a tua companhia

Mestre

A **policia** vai chegar
No momento lastimoso
Depressa vai procurar
Descobrir o criminoso

CORO REPETIDO

Policia

O senhor foi o primeiro a chegar
Por isso é interrogado
Não viu **ninguem** passar?
Com cores de condenado

Passarola

Senhor eu fui o primeiro
Mas antes de eu ter chegado
Quem eu vi foi o Quinteiro
Que vinha aqui deste lado

Policia

Senhor Quinteiro faça o favor
De dizer da melhor maneira
Estamos informados que o senhor
Estrangulou Maria Vieira

Quinteiro

Calunia estão enganados
Ou foram mal informados
Mandaram-vos vir **as** avessa
Eu sou um homem honrado
Deus me livre tal pecado
Se eu fazia uma coisa dessas

Policia

O senhor jura que não a matou
Olhe que a coisa vai ficar dura
Houve **alguem** que encontrou
O senhor por ali nesta altura

Quinteiro

Mentira, eu venho do meu trabalho
E depois quando acabei
Metime por um atalho
Nem sequer por ali passei

Polícia a parte

Ele nega tal proceder
Não houve quem o apanhasse
Só ela poderia dizer
Se viesse a si e falasse

Padre entra em cena e diz

Maria em nome do Divino **Espirito** Santo
E da **hostia** consagrada que eu levanto
Todas as vezes que a missa digo
Pesso a Deus para te dar um alento
Para que possas falar comigo
Peço ao Divino poderoso e forte
Que te ajude na hora da morte
Como em vida te ajudou
Peço pelas cinco chagas de Cristo
Que digas porque foi que te fizeram isto
E quem foi que te espancou

Maria Vieira levanta-se e diz

Meu bem Jesus verdadeiro
Com ajuda da vossa alteza
O meu traidor foi o Quinteiro
Que me queria roubar a pureza
Mas eu preferi morrer
Como Cristo toda chagada
Do que lá no **ceu** aparecer
Com a minha honra manchada

Padre

Já que falaste com falas tanto amigas
Eu te encomendo ao Senhor
E peço-te que me digas
Se perdoas ao teu sedutor

Maria Vieira

Eu lhe perdoo seriamente
E ficaria muito contente
Se ele se arrependesse
E que perdão a Deus pedisse
Para que no **ceu agente** se visse
Um dia que ele morresse

Morre**Padre**

Maria acaba de morrer
Soube perdoar apesar de novinha
Podem sepultá-la e fiquem a crer
Que ela vai para o **ceu** direitinha

Pai

Adeus meu anjo sagrado
Perdoa a teu pai profundamente
Que o Senhor te ponha a seu lado
Para pedires por **agente**

Mãe

Para sempre eu te deixo
Até que morra **tambem**
O teu nome aqui dentro **feito**
Neste meu coração de mãe

Mestre

O Quinteiro vão prender
Para ser solto um dia
E depois vão aparecer
Os milagres de Maria

CORO REPETIDO**Polícia**

Ora venha cá o senhor
Diga adeus **a** sua aldeia
Acompanhe-me se faz favor
Vai daqui para a cadeia

Quinteiro

Como é que pode ser
O senhor deixe-me eu não vou
Querem-me agora prender
Sem saber quem a matou

Polícia

Cale-se não diga mais nada
Maria contou pelo **miúdo**
Acompanhe-me e boca calada
Nós já sabemos de tudo

Antonio entre em cena apoiado em duas **moletas**

2ª pessoa

Já **la** vai a minha **saude**
Enquanto fui novo e pude
Falei mal de tanta gente
Tive uma **lingua ????????**
Que falou mal de Maria Vieira
Que já dorme eternamente
Correu a sorte comigo
Talvez isto seja o castigo
Da minha **lingua** maldosa
????? a humildade da santa
Por isso o castigo se levanta
Agora peno, e ela goza

6ª pessoa

Antonio isso o que foi
Em novo foste um **heroi**
Saltavas caminhos e valetas
Agora tão **arrazado**
Vejo-te **posto** e apoiado
Ao dorso de duas **moletas**

2ª pessoa

Sim sou infeliz
É a maldição que me esmaga
Se a nossa boca muito diz
O corpo depois é que paga

6ª pessoa

Falaste mal da educação
Da Maria Vieira, e do seu viver
Mas se tu lhe pedires perdão
Pode um milagre fazer

Saem

Pai

Mulher temos que partir

Ouvi que o Quinteiro vai vir
Não o quero tornar a ver
Depois da nossa filha o perdoar
Vou fugir não quero manchar
O que ela soube fazer

Mãe

Partimos para outra terra
Deixamos o **sól** que brilha
Sem ofender o perdão que **enserra**
Na alma da nossa filha

Pai

Partimos para o **ultramár**
Levando esta amargura
Para nunca mais voltar
A terra da sua sepultura

Saem

2ª pessoa

Sou um homem **confrangido**
Alquebrado, arrependido
Venho pedir-te perdão ó Maria
Para que a minha alma se adorne
E este meu corpo torne
A velha saúde um dia

Levanta-se deixa cair as **moletas** e diz

Meu Deus estou curado, estou curado
Vou rezar-te a vida inteira
Perdoas-te o meu pecado
Milagre de Maria Vieira

Sai

Mestre

O Quinteiro já voltou
Para ir em grande agonia
Ao lugar onde matou
Pedir perdão a Maria

CORO REPETIDO

Quinteiro entra em cena ajoelha-se no lugar onde matou Maria Vieira e pede perdão

Maria. Anjo da **páz**
É o remorso que aqui me **tráz**
A pedir-te perdão porque pequei
É aqui que te peço que me abençoes
É aqui que te peço que me perdoes
Foi aqui que eu te matei
Pede a Deus e a Virgem Maria
Que eu chegue a sentar-me um dia
Na **côrte** do **ceu** a teu lado
Pede ao Senhor que me proteja
Para que um dia seja
Como tantos rebeldes perdoado
Que o Senhor de mim tenha pena
E que me **de** com a Maria Madalena
O perdão dos aflitos
Dimas, S. Paulo e S. **Sipriano**
Depois do maior erro humano
Tiveram o perdão dos contritos
Guia-me no caminho da fé
Encomenda-me a **Santíssima** Trindade
Enssina-me a conhecer quem é
O Salvador da humanidade

Mestre

Maria anjo do **ceu**
Eis que foi milagre seu
Quinteiro já não **e** réu
De tudo se arrependeu

CORO

Enclausurado rezando
Ficas no mundo esperando
Pagando o mal que fizeste
Tudo isto pagarás
Quem mal **fáz**, para si o **fáz**
Foram palavras do Mestre

Mestre

O assunto acabou
Com a verdade na frente
E o exemplo ficou
Na alma de toda gente

CORO

Quem maus pensamentos tem
Em não praticar o bem
Deve ter um fim cruel
Passa a vida a vegetar
E como poderá ganhar
Mais tarde o reino do **ceu**

Ultima parte

Mestre

Antes da simples **saida**
Vamos dar a despedida
Ao povo que nos rodeia
É este o nosso dever
Para a todos bem parecer
Quer em cidade ou aldeia

CORO

É dever cumprimentar
A chegada para dar
A todos boa impressão
A saida despedir
Para toda gente sentir
A falta dos que se vão

Mestre

Desertos e povoados
Tudo são campos beijados
Pelo sol, e pela lua
Gerações que vão passando
Os pensamentos mudando
E o mundo continua

CORO

Uns nascem e outros morrem
E assim os dias correm
Nesta maré de loucura
Todos pensam em subir
Para no fim tudo cair
No fundo da sepultura

Mestre

Desde ao nosso nascimento
Ao derradeiro momento
Preferimos a razão

Existencia preferida
Com a esperança de vida
E direito a salvação

CORO

Para que há guerra no mundo
Se pensar-mos bem a fundo
Cada qual tem o que é seu
Mais não pode desejar
E se deve contentar
Com a cruz que Deus lhe deu

Mestre

Por amor de Deus ficai
Tranquilos e perdoai
Esta dança que apareceu
Que Deus fique, e vos ajude
Dai perdão a juventude
Que vem do Porto Judeu

CORO

Do Porto Judeu viemos
A despedida lhe demos
E que Deus tudo lhe aumente
A todos agradecemos
Atenção oferecemos
Um abraço a toda gente

Fim

Casa da Cultura da Terceira

Processado em computador por Jorge Borges, a partir do documento existente na
Colecção JNB.

Angra do Heroísmo, Julho de 2001.